

**O feminismo nas Ciências Sociais:  
discussões sobre as proposições de Sandra Harding**

*Feminism in the Social Sciences:  
discussions on Sandra Harding's propositions*

Gleice Carvalho de Lima MORENO<sup>1</sup>  
Márcia Zanievicz da SILVA<sup>2</sup>

**Resumo**

Apresentamos, neste artigo, o impacto do feminismo no ensino das Ciências Sociais. Para tanto, trouxemos para reflexão e discussão as proposições de Sandra Harding relacionadas aos assuntos associados ao feminismo, além de usar pesquisas de diferentes áreas, a fim de compreender as mudanças que foram pertinentes e provenientes dos movimentos feministas, aplicando em específico a essa área de estudo. Sandra Harding é uma filósofa, professora da Universidade da Califórnia e cientista renomada dos Estados Unidos da América, cujos estudos se fundamentam na área de epistemologia feminista, metodologia da pesquisa, pós-colonialidade, filosofia e ciência. Com isso, esperamos que este artigo possa contribuir para uma reflexão sistemática e sucinta da importante visão de Sandra Harding quanto à atuação das mulheres no ambiente científico, em particular, nas Ciências Sociais, destacando o impacto gerado numa relação de gênero mais democrática.

**Palavras-chave:** Movimento feminista. Contribuição das mulheres ao ambiente científico. Reviravolta.

**Abstract**

In this article, we present the impact of feminism in the teaching of Social Sciences. To this end, we brought Sandra Harding's propositions related to feminism-related issues for reflection and discussion, in addition to using research from different areas, in order to understand the changes that were relevant and coming from feminist movements, applying specifically to this area of research. Sandra Harding is a philosopher, professor at the University of California and a renowned scientist in the United States of America, whose studies are based on the area of feminist epistemology, research methodology, post-coloniality, philosophy and science. With this, we hope that this

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Ciências Contábeis e Administração pela Universidade Regional de Blumenau - FURB. Professora do Departamento de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Rondônia - UNIR. E-mail: gleice.cl11@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Ciências Contábeis e Administração pela Fundação Universidade Regional de Blumenau (2013). Professora da FURB, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis. E-mail: mzsilv@furb.br

article can contribute to a systematic and succinct reflection of Sandra Harding's important vision regarding the role of women in the scientific environment, in particular, in the Social Sciences, highlighting the impact generated in a more democratic gender relationship.

**Keywords:** Feminist movement. Contribution of women to the scientific environment. Twist.

## Introdução

Sandra Harding, filósofa de Nova Iorque, uma das principais pesquisadoras que explora os movimentos feministas, e oportunamente os enquadra ao ambiente científico, mostrando que a luta pelos direitos das mulheres provenientes desses movimentos, tem refletido também nesse ambiente. Ela é responsável por diversos trabalhos abrangendo a teoria feminista, o pós-colonialismo, a relação de gênero e a objetividade e neutralidade presentes no meio científico, com a discussão de problemas que influenciam fortemente a posição das mulheres nesse meio.

Após os movimentos feministas registrados na história, podemos observar que as mulheres vêm atuando com maior ímpeto no ambiente científico, principalmente após os movimentos feministas, em particular, o de terceira fase, que deu início na década de 1990 e buscou atrair uma maior participação de mulheres em universidades em prol de mais espaço, em particular no ambiente científico, considerando as suas contribuições para o desenvolvimento de teorias e para a evolução científica.

Harding (2015), com suas importantes considerações acerca da epistemologia feminista, tentou identificar em seus estudos as principais barreiras existentes no ambiente científico que impediram a neutralidade de gênero (tratamento igual entre homens e mulheres na ciência).

Diante disso, mostrou que os principais obstáculos estavam presentes na percepção dos cientistas, que julgavam como desenvolvedores de conhecimento confiável apenas os homens brancos do ocidente, descartando nesse contexto as informações e conhecimentos gerados por mulheres com culturas e tradições diferenciadas (HARDING, 2015), ou simplesmente, por serem mulheres.

A partir daí, as Ciências Sociais foi a área de conhecimento que mais deu ênfase ao papel da mulher nas ciências, quando em suas discussões e estudos trouxe à tona as

relações de gênero, a distribuição de benefícios entre as partes, o sexo e o reflexo disso nas questões de autoridade e poder (HARDING, 2015).

Nestes termos, de acordo com Harding, as Ciências Sociais apresentaram com maior veemência a difícil situação pela qual as mulheres passaram, por estarem em grupos mais vulneráveis e não terem recebido a educação no mesmo nível dos homens, sendo oprimidas e consideradas inferiores no ambiente científico. Deste modo, a autora agarrou-se à objetividade para a inclusão desses grupos sociais, considerados excluídos política e economicamente (AYMORE, 2017).

Partindo do pressuposto de que a objetividade tratada no meio científico influencia os grupos sociais, Harding (2015), dentre os seus diversos estudos, aponta a dualidade da objetividade como fraca e forte. A partir de seus incansáveis questionamentos quanto à participação das mulheres no ambiente científico, muitos outros estudiosos também exploraram ou apresentaram discussões no que se refere à objetividade (PAIVA, 1997; SARDENBERG, 2001; ARAÚJO, 2005; KELLER, 2006; SCAVONE, 2008; KETZER, 2017; entre outros).

Neste contexto, faremos uma reflexão das principais proposições tratadas por Harding (1986, 1993 e 2015), abrangendo a epistemologia feminista e o papel da mulher no âmbito científico, a neutralidade, a objetividade e o empirismo na elaboração e no desenvolvimento de pesquisas. Vale ressaltar, que a fim de compreender as mudanças pertinentes quanto à influência do feminismo e sua contribuição às Ciências Sociais, realizamos uma análise ponderada, sendo preponderante a subjetividade na pesquisa, dando ênfase ao papel interdisciplinar, importante para que o aprendizado possa se concretizar em diversos campos do conhecimento.

Esperamos, com o desenvolvimento deste estudo, apresentar de forma sistemática e sucinta a importante visão de Sandra Harding quanto à atuação das mulheres no ambiente científico, em particular, nas Ciências Sociais, destacando o impacto gerado numa relação de gênero mais democrática.

## **O feminismo e as Ciências Sociais**

A epistemologia feminista é um tema que há muito vem sendo discutido em diversas áreas do ambiente científico, e com essas discussões, têm tido uma longa trajetória desde a década de 60. Com o passar dos anos, teorias vêm sendo

desenvolvidas partindo das discussões de gênero, com maiores articulações nas ciências sociais, que estuda as pessoas e suas relações com a sociedade. Neste sentido, é importante trazer à tona as discussões propostas por Sandra Harding (1993), que considera o importante papel do feminismo, por destacar que existem apenas homens e mulheres classificados em gênero, que geram desafios na construção de teorias feministas. Ela concentrou esforços em contextualizar a epistemologia empirista, com o intuito de obter resultados de pesquisa objetivos e isentos de juízos de valor, baseado em uma teoria distinta das atividades humanas (HARDING, 1993).

Nos últimos anos, muitos estudos retrataram o problema gerado pelos fatores simultâneos de opressão que têm relação com o gênero, a raça, o sexo, a classe, a orientação sexual, e outros, que afetam o importante papel da mulher, desconstruindo sua participação em diversos ambientes e excluindo-a do processo democrático (SARDENBERG, 2001; OLIVIERA e AMÂNCIO, 2006; SCAVONE, 2008; OLIVEIRA, 2010; PINTO, 2010; entre outros).

As discussões de gênero se tornaram mais efetivas e têm avançado nas Ciências Sociais, por tratar das relações políticas e sociais mais amplas, que envolve a sociedade (Scavone, 2008). Deste modo, surge o debate sobre gênero influenciado pela cultura, por fatores econômicos e políticos, pelos aspectos sociais, evidenciando a epistemologia feminista e o conhecimento construído com base na intervenção feminista (KETZER, 2017).

Vale ressaltar, que a falta de neutralidade na Ciência Moderna tem feito com que a crítica feminista evolua e avance, partindo da exclusão e invisibilidade das mulheres no mundo científico, para os questionamentos, o posicionamento e as divergências no tocante aos métodos e procedimentos tradicionais, originados de uma ciência vista como não assexuada e isso requer a construção de uma epistemologia feminista, fundamentada na total neutralidade (SARDENBERG, 2001).

Para Harding (1993), o homem essencial e universal como centro das atenções, sujeito e objeto das teorias não feministas, interferiu nos valores da neutralidade evidenciando a sub-representação das mulheres na ciência (OLIVEIRA; AMÂNCIO, 2006). Essa sub-representatividade deu origem a diversos movimentos libertários, dentre eles, o movimento feminista que teve sua amplitude na década de 60 no mundo ocidental, quando as mulheres exigiram espaço no trabalho, na vida pública e na

educação, com maior liberdade e autonomia para tomar suas próprias decisões, enquanto, no Brasil a população sofria repressão pela ditadura militar (PINTO, 2010).

Esses e outros movimentos fizeram com que os mais diversos cientistas (homens e mulheres), retratassem esse fenômeno em seus estudos. Como, por exemplo, as obras de Michel Foucault que retratam as complexas relações entre disciplina, poder, discursos, sexualidade, sujeito e subjetividade, oferecendo com o seu trabalho uma base significativa para os movimentos feministas e para o debate que se faz necessário junto a esses movimentos (ROSALEN, 2019).

Os movimentos feministas, em particular, o movimento da terceira onda ou terceira fase, que ocorreu na década de 90, foi o que teve maior relação com a academia, pois foi o momento de analisar as diferenças e as igualdades da produção científica e da produção discursiva da subjetividade e da diversidade tão comum nessa relação de gênero (TEIXEIRA; LOPES; GOMES Jr., 2019). A diversidade presente no mundo científico com inúmeras metodologias, tem induzido o desenvolvimento de pesquisas, com questões relativas aos preconceitos de gênero no interior da produção científica, a fim de apurar o papel dos gêneros nas atividades epistêmicas (KETZER, 2017).

As relações de gênero tendem a ser desiguais em todas as sociedades, decorrente das normas, das regras, das legislações, de fatores políticos, sociais e culturais que fazem o Estado funcionar, com a ordem imposta pelos governos, que na maioria das vezes são representados por homens, com visões e comportamentos machistas (TEIXEIRA; LOPES; GOMES Jr., 2019) e isso acaba influenciando também o ambiente científico à luz da epistemologia feminista.

Os pressupostos machistas continuam presentes na ciência, pois os padrões associados a figura masculina não deixaram de ser cobrados, com a expectativa de se fazer o que se tem nomeado de “boa ciência”, indo em contradição ao que é chamado de “má ciência”, considerando a presença da subjetividade feminina e uma nova forma de fazer ciência, que não exclui a objetividade, mas a observa com bastante rigor, para que isso não impeça a construção de novos métodos (SOUZA, 2017).

Diante do que vem sendo discutido e da forte participação, imposição e opressão dos homens na ciência em relação às mulheres, a neutralidade de gênero deveria ser um fator presente no ambiente científico, onde os julgamentos ocorreriam de forma imparcial. Neste caso, quando Harding se refere à neutralidade, qual a sua representatividade na teoria feminista?

## A neutralidade na teoria feminista

A falsa neutralidade rejeitada por Harding (1982), implica na ausência da razão tão necessária para o desenvolvimento de teorias científicas. Além de usar como pressuposto da epistemologia feminista o conhecimento desenvolvido a partir de bases históricas e culturais, gerando uma reviravolta na Ciência Moderna por revelar que ela está longe de ser neutra e assexuada (SARDENBERG, 2001).

O que a teoria feminista trouxe para discussão ao longo da história, foram as transformações sociais decorrentes das guerras e dos movimentos sociais que fizeram emergir novas vozes em um ambiente de pós-colonização, se afastando da ideia de sujeito único e universal, que até então era um fator presente nas Ciências Sociais, partindo assim para o discernimento social e a desconstrução de outras dicotomias, que permitissem que essas ciências dessem vez as abordagens não totalizantes, ou seja, o estudo do ser na sociedade em que habita (SCAVONE, 2008).

O feminismo propôs a relação entre a teoria e a prática, considerando o subjetivismo e o envolvimento pleno do sujeito com seu objeto, numa interação constante com outros indivíduos, com diálogo crítico, examinando sempre os diferentes pontos de vista, para que com essas avaliações e discussões novas teorias e hipóteses pudessem ser formuladas (RAGO, 1998).

A partir daí, a crítica feminista remodelou o que era considerado como sendo o melhor da pesquisa, ou seja, pesquisas quantitativas, neutras de juízo de valor, e por isso, julgadas como confiáveis, para o reconhecimento da objetividade presente tanto em pesquisas quantitativas quanto em pesquisas qualitativas, tornando as ciências sociais neutras e livres de interesses, fundamentadas em movimentos sociais democráticos (MELO; DANTAS, 2019).

Como o feminismo está enquadrado em um posicionamento crítico, por contestar, desconstruir, conectar e transformar as formas de análise, tendo a neutralidade e a objetividade como pontos importantes para a desconstrução da ciência moderna, separando o que se chama de ciência bem-intencionada da mal-intencionada, o que justifica que a neutralidade assume também um papel de imparcialidade (NUCCI, 2018). Assim sendo, a neutralidade na teoria feminista representa a isenção do juízo de valor, além da imparcialidade nos julgamentos e na aplicação das ciências para os

diversos fins. Neste contexto, em que se busca também relacionar a objetividade com a neutralidade, a fim de se gerar resultados de pesquisa supostamente confiáveis, qual o papel ou a importância da objetividade de acordo com Harding na teoria feminista?

### **A objetividade na teoria feminista**

A objetividade é um procedimento ou um comportamento adotado no ambiente científico que resulta no desenvolvimento de pesquisas, cujas soluções apontavam uma verdade absoluta ou mesmo universal originada de um sistema patriarcal, onde os homens determinavam as regras, por meio da observação e experimentação do objeto. Tornando este, um conceito que vem sendo modificado graças aos movimentos sociais, dentre eles, o movimento feminista que surgiu influenciando fortemente a epistemologia e os conceitos nela declarados (HARDING, 2015).

Em um dado momento, a objetividade de acordo com Harding (2015), é dividida entre fraca e forte, determinando os limites para o desenvolvimento da ciência. Exatamente por demarcar esses limites, a objetividade fraca assume um papel relevante na crítica feminista, por determinar o envolvimento do androcentrismo, que exclui o conhecimento gerado a partir da experiência de mulheres no âmbito científico. Reconhecendo que são incapazes de desenvolver o conhecimento e admitindo apenas a vivência masculina para a geração do verdadeiro conhecimento científico. Enquanto, na objetividade forte o que se tenta destacar, é uma maior participação dos grupos considerados oprimidos, de forma assídua em pesquisas e na evolução científica, e não, como simples objetos de investigação (AYMORÉ, 2017).

Como vemos, não existe o significado único para a objetividade que assume diversos papéis no contexto da pesquisa. Entretanto, com o movimento feminista tem tido uma característica mais ampla, por incluir os grupos sociais que antes sofriam com a opressão, ditada por autoridades que detinham o poder (AYMORÉ, 2017). Nesse emaranhado de definições, a objetividade deve ser retratada nas pesquisas científicas, para determinar a reflexão do conhecimento gerado, independentemente de sua origem preceder de fatores culturais, de grupos sociais, de homem ou mulher (SARDENBERG, 2001).

Isto posto, concluímos esta seção avaliando o importante uso da objetividade no desenvolvimento de pesquisas científicas, de forma mais abrangente e com a

neutralidade necessária para se fazer ciência de forma reflexiva e imparcial, sem buscar o atendimento aos interesses pessoais, mas aos interesses de toda uma comunidade. Neste sentido, levando em consideração os aspectos de neutralidade e objetividade, como descrever o empirismo na lógica da teoria feminista?

### **O empirismo feminista**

O empirismo está presente na ciência desde sempre. Isso porque a experiência do pesquisador permite que dúvidas sejam colocadas a prova, aliada aos fatores sociais que busca por meio da observação e/ou da experimentação o equilíbrio entre a teoria e a prática, dando resposta as dúvidas que surgem, confirmando ou não as hipóteses levantadas. Já no contexto feminista, o empirismo retrata o papel das mulheres e suas contribuições no meio social e consecutivamente no ambiente científico, evidenciando a relação de gênero tão discutida nos movimentos feministas.

A terceira fase, considerada um dos movimentos de maior participação feminina, que ocorreu a partir da década de 1990, surgiu quando as mulheres lutavam por seus direitos e por maiores participações nas decisões políticas, econômicas e financeiras. No campo científico o movimento reuniu muitas mulheres na luta pelo reconhecimento, pela distribuição de recursos de forma igualitária para o desenvolvimento de pesquisas e pela aceitação de suas ideias e métodos, diferentes do que até então era proposto nesse ambiente.

A partir desses movimentos feministas, Harding (1993, p. 14) comparou o empirismo feminista à epistemologia empirista, afirmando que contribui para “o aumento da objetividade do conhecimento científico”, isentos de opiniões e pontos de vista, além de alegar com base no empirismo feminista que o sexismo e o androcentrismo são duas características de preconceitos sociais presentes no ambiente científico. Essas duas características confrontadas por esses movimentos, geram mais cientistas capazes de reconhecer tendências androcêntricas e patriarcais que interferem na evolução plena da ciência.

Harding (1986, p. 36 e 37) por ser uma apreciadora desses movimentos, que geram reflexo no ambiente científico que muito lhe atrai, vem discutindo alguns pontos importantes que de certa forma têm influenciado a evolução da ciência. A autora trata inicialmente do empirismo, comentando sobre dois dogmas que foram identificados por



Quine na década de 1950. O primeiro deles evidencia que a crença influencia a ciência, a verdade e os fatos. O segundo, caracterizado como reducionista, trata da redução de fatos para enunciados, que se referem ao discurso expresso através da linguagem, sendo influenciado pela experiência imediata, exigindo que a constatação da veracidade ou não de tal enunciado, seja feita empiricamente, considerando o “teste de adequação lógica”. Nos dois casos, a pesquisadora destaca a força de fatores sociais (culturais, de valores e crenças) excessivamente empiristas, como sendo o principal obstáculo para “teorizar adequadamente o gênero nas discussões feministas da ciência”.

Deste modo, a crítica feminista à ciência se desenvolveu para colaborar com a igualdade permanente no meio científico, na relação de gênero, nos julgamentos imparciais onde há contrariedades e pelo fim das diferenças entre homens e mulheres cientistas. Para confirmar a contribuição do feminismo à ciência, apresentaremos na próxima seção um caso importante da participação e exaltação de uma mulher no meio científico, de característica obstinada que mostrou a capacidade de contribuir para a evolução das ciências, independente de seus aspectos sociais (cultura, valores, tradição e religião).

### **O caso de Marie Curie (1867-1934)**

Marie Curie considerada uma moça de família simples, nascida na Varsóvia (Polônia), se dedicou aos estudos desde a infância, tendo como principal entusiasta o seu pai, professor de física e matemática. Sempre foi uma estudante bastante empenhada, dedicada e insistente no estudo das ciências. Todavia, Curie foi rejeitada por várias universidades polonesas por dois motivos: o primeiro por ser mulher; o segundo por não dispor de recursos financeiros para a sua manutenção. Mesmo assim, ela não desistiu. Continuou arduamente na luta por sua formação, e conseqüentemente, pela construção de uma bagagem científica ao longo de sua existência, para com isso decifrar os enigmas presentes na sociedade. Dessa forma, conseguiu se graduar em física e matemática na Universidade de Paris, local em que conheceu Pierre Curie, onde continuou a desenvolver seus trabalhos em laboratório como cientista, dividindo com ele não só o amor pela ciência mais o seu amor próprio e recíproco. Com os seus estudos no campo das radiações, conquistaram o Prêmio Nobel de Física em 1903, partilhado com Antoine Henri Becquerel, que colaborou com a descoberta do fenômeno

da radioatividade. Perdeu o grande amor de sua vida, em todos os aspectos, em 1906. Apesar disso, não deu trégua às suas investigações. Com isso, fez uma nova descoberta que lhe garantiu em 1911 o Prêmio Nobel de Química, por ter descoberto novos elementos químicos, o rádio e o polônio. Em 1934 os seus trabalhos foram consumados, pois a sua dedicação à radioatividade lhe gerou uma leucemia que tirou a sua vida aos 66 anos de idade. Contudo, o seu legado gerou história, por não ter se abatido diante das grandes dificuldades que surgiram como obstáculos pelo fato de ser uma mulher, pois contribuiu com a evolução científica e conquistou prêmios relevantes, reconhecendo o seu importante papel na ciência.

### **Conclusão**

Como vimos, Sandra Harding traçou diversos pressupostos se referindo à atuação das mulheres no ambiente científico, em particular, nas Ciências Sociais. Destacou o impacto gerado pela participação em maior número das mulheres na ciência, após os movimentos feministas que desencadearam a luta por direitos nas mais diversas áreas e pela busca de uma relação de gênero mais democrática. Ressaltou que os fatores sociais (costumes, crenças e valores) influenciam decisivamente o desenvolvimento da ciência. Declarou ainda, diante dos fatos reunidos, que existe uma forte participação, imposição e opressão dos homens na ciência em relação às mulheres e que os movimentos feministas buscam equilibrar essa participação, destruir os fatores que impulsionam a repressão às mulheres e modificar comportamentos e hábitos relacionados aos preconceitos sociais do grupo que forma a maior parte de cientistas, o grupo masculino.

O caso de Marie Curie foi considerado aqui, por ter sido um exemplo de perseverança frente aos desafios do ambiente científico, mostrando o seu potencial como cientista e acima de tudo mulher. Diante disso, esperamos que esta pesquisa tenha contribuído para uma reflexão sistemática e sucinta da importante visão de Sandra Harding acerca da influência dos movimentos feministas na ciência, sendo mais específica, nas Ciências Sociais.

**Referências**

ARAÚJO, Maria de Fátima. Diferença e igualdade nas relações de gênero: Revisitando o debate. **Psicologia Clínica**, 17(2), p. 41-52, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-56652005000200004>.

AYMORÉ, Débora. Objetividade forte como alternativa à ciência livre de valores. **Scientia e Studia**, 15(1), p. 175-186, (2017). DOI: <https://doi.org/10.11606/51678-31662017000100010>

HARDING, Sandra G. **The Science question in feminism**. Cornell University Press Ithaca and London, 1986.

HARDING, Sandra G. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. **Revista Estudos Feministas**, 1, p. 7-31, 1993. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/15984> Acesso: 28jul2020.

HARDING, Sandra G. **Stronger Objectivity for Sciences From Below**. Em Construção: arquivos de epistemologia histórica e estudos de ciência, 5, 173-192, 2019. DOI: <https://doi.org/10.12957/emconstrucao.2019.42584>

KELLER, Evelyn F. Qual foi o impacto do feminismo na ciência? **Cadernos Pagu**, 13-34, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332006000200003>

KETZER, Patricia. Como pensar uma epistemologia feminista? Surgimento, repercussões e problematizações. **Revista de Filosofia Argumentos**, 9(15), p. 95-106, 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/argumentos/article/view/31031> Acesso: 28jul2020.

NUCCI, Marina F. Crítica feminista à ciência: das “feministas biólogas” ao caso das “neurofeministas”. **Revista Estudos Feministas**, 26(1), p. 1-14, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/%25x>

OLIVEIRA, João Manuel de; e AMÂNCIO, Lígia. Teorias feministas e representações sociais: desafios dos conhecimentos situados para a psicologia social. **Revista Estudos Feministas**, 14(3), p. 597-615, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2006000300002>

OLIVEIRA, João Manuel. Os feminismos habitam espaços hifenizados – A localização e interseccionalidade dos saberes feministas. **Revista Ex Aequo**, 22, p. 25-39, 2010. Disponível em: [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0874-55602010000200005](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602010000200005) Acesso: 28jul2020.

PAIVA, Mirian S. Teoria Feminista: O desafio de tornar-se um paradigma. **Revista Brasileira de Enfermagem**, 50(4), 517-524, 1997. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-71671997000400007>

PINTO, Céli R. J. Feminismo, história e poder. **Revista de Sociologia e Política**, 18(36), p. 15-23, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-44782010000200003>

RAGO, Margareth. **Epistemologia feminista, gênero e história**. Masculino, Feminino, Plural – Pedro, J.; Grossi, M. (Orgs). Florianópolis: Ed. Mulher, 1998 Disponível em: [http://projcnpq.mpbnet.com.br/textos/epistemologia\\_feminista.pdf](http://projcnpq.mpbnet.com.br/textos/epistemologia_feminista.pdf) Acesso: 26jun2020.

ROSALEN, Eloisa. Entre práticas e Críticas: Michel Foucault, os feminismos e o sujeito. **Revista Estudos Feministas**, 27(1), p. 1-4, Resenhas, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n156989>

SARDENBERG, Cecília M. B. **Da crítica feminista à ciência a uma Ciência Feminista?** X Encontro da REDOR (NEIM/UFBA, Salvador, 29 de outubro a 1 de novembro de 2001). Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6875/1/Vers%C3%A3o%20Final%20Da%20Cr%C3%ADtica%20Feminista.pdf> Acesso: 28jul2020

SCAVONE, Lucila. Estudos de gênero: uma sociologia feminista? **Revista Estudos Feministas**, 16(1), p. 173-186, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2008000100018>

SOUZA, Hemilly C. **O uso de epistemologias feministas no desenvolvimento de propostas pedagógicas para um ensino de ciências voltado a promoção de equidade de gênero**. Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências da UFBA e da UEFS. Salvador e Feira de Santana, 2017. Disponível em: [https://ppgefhc.ufba.br/sites/ppgefhc.ufba.br/files/hemilly\\_cerqueira\\_souza\\_-\\_dissertacao\\_-\\_o\\_uso\\_de\\_epistemologias\\_feministas\\_no\\_desenvolvimento\\_de\\_propostas\\_pedagogicas\\_para\\_um\\_ensino\\_de\\_ciencias\\_voltado\\_a\\_promocao\\_de\\_equidade\\_de\\_genero.pdf](https://ppgefhc.ufba.br/sites/ppgefhc.ufba.br/files/hemilly_cerqueira_souza_-_dissertacao_-_o_uso_de_epistemologias_feministas_no_desenvolvimento_de_propostas_pedagogicas_para_um_ensino_de_ciencias_voltado_a_promocao_de_equidade_de_genero.pdf) Acesso: 28jul2020.

TEIXEIRA, Marcella B. M.; LOPES, Fernanda T.; e GOMES Jr., Admardo B. Gênero e Feminismos: conceitos e perspectivas. **Caderno Espaço Feminino**, 32(1), p. 405-430, 2019. DOI: <https://doi.org/10.14393/CEF-v32n1-2019-18>